

SONIA M. BIBE LUYTEN

"O sonho japonês" e a difusão do mangá

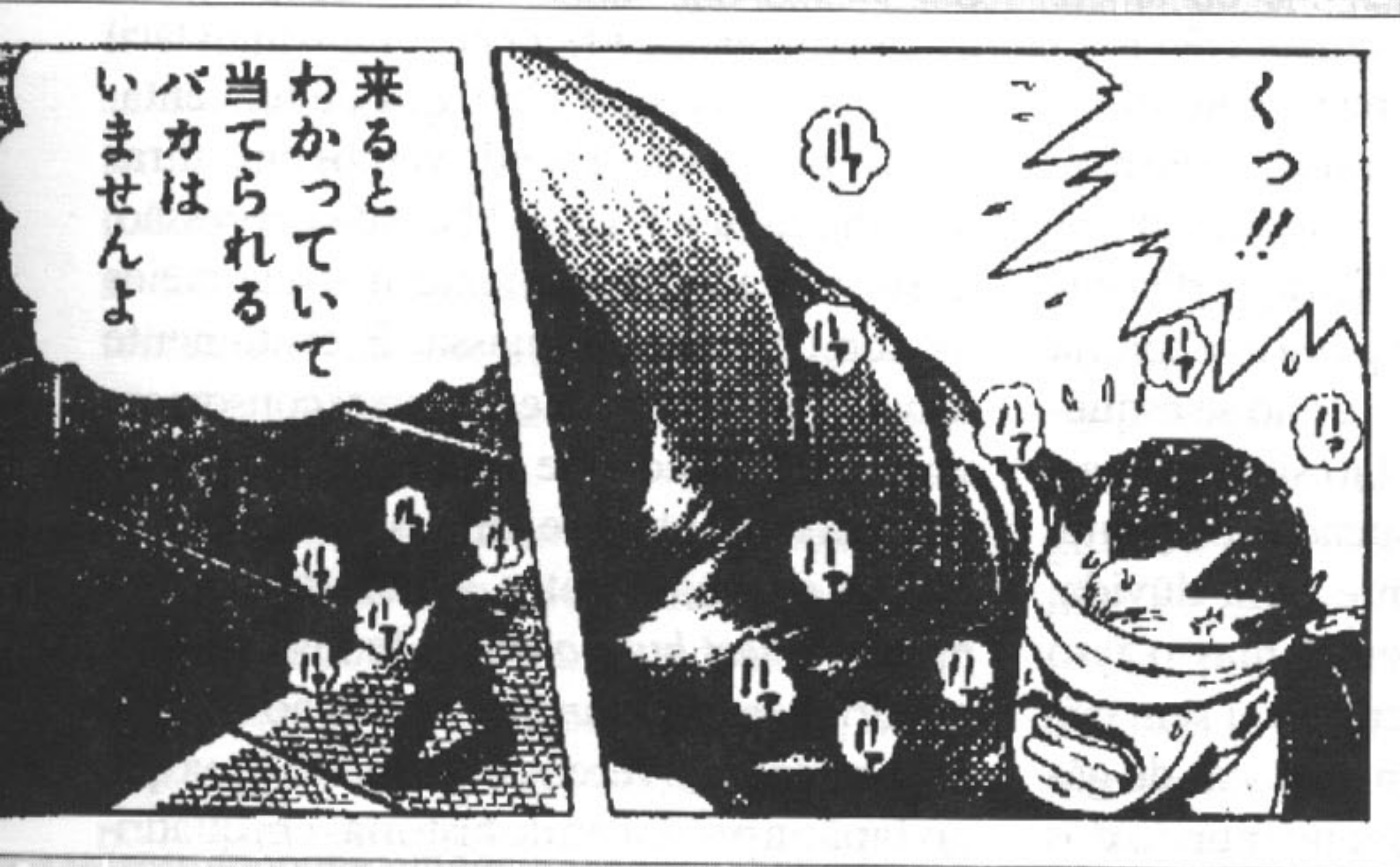


Existe uma velha anedota no Brasil que trata de um cidadão português residente em São Paulo e que ganhou um prêmio acumulado da loteria esportiva. A história se passa na década de 60, e quando lhe perguntaram o que iria fazer com tanto dinheiro, o feliz lusitano simplesmente respondeu: "Ora, pois, vou comprar aviões Mirage". Diante da surpresa dos interlocutores, ele explicou: "Vejam, pois, se os judeus de Israel compram, deve ser um bom negócio!".

Algo semelhante acontece hoje em dia com o mundo diante do incontestável sucesso econômico do Japão. Se os japoneses investem em determinado produto ou região, todos concluem imediatamente que

SONIA M. BIBE LUYTEN é professora da Universidade Real de Utrecht (Holanda).

B
r
a
s
i
l
J
a
p
ã
o



REVISTA YOUNG
JUMP, PARA
ADOLESCENTES
MASCULINOS —
EDITORA
SHUEISHA,
TÓQUIO, 06.06.95
(INFLUÊNCIA DO
ASAHARA DO
SHINRIKYO -
VERDADE
SUPREMA)

15

deve ser digno de imitação, pois as experiências recentes da economia internacional demonstraram que o único país que sempre sai ganhando em qualquer transação é o Japão. E foi assim que, no Ocidente todo, apressadamente se procurou imitar os modos de produção e de gerenciamento considerados típicos do arquipélago nipônico. E a coisa não ficou nisso. Ao se perceber que atrás do sistema de trabalho dos japoneses havia toda uma filosofia de encarar a vida, imediatamente abriram-se escolas e grupos de meditação tipo zen-budista, além de outras práticas religiosas do Japão. Não ficaram esquecidas as artes marciais, consideradas excelentes para se quebrar a tensão nervosa acumulada durante atividades intensas de trabalho. As modalidades artísticas como cerimônia do chá, *origami* e caligrafia também foram convocadas e não se esqueceu da cozinha japonesa, tão simples mas, ao mesmo tempo, tão sofisticada e exigente. Com tudo isso, o Ocidente, sem dúvida, enriqueceu-se culturalmente, mas o fato motivador persiste: com crises ou sem crises, com terremotos e com ameaças de gás *sarin*, o Japão continua líder no mundo dos negócios e fecha, ano após ano, com a balança de pagamento a seu favor. Não obstante o decréscimo nos lucros dos últimos anos, um fato é sempre garantido, apesar dos analistas internacionais, sequeiosos de apontar aspectos negativos: o Japão continua crescendo e fazendo lucro no conjunto de suas operações comerciais.

Centenas de livros foram escritos nos últimos anos sobre o fenômeno estrondoso desta relativamente pequena nação asiática, mas pouca atenção tem sido dada àquilo que realmente faz os japoneses serem o que são. Muitos observadores apostam na iminente derrocada do poderio japonês, mas os anos vão passando e, bem ou mal, o PNB japonês cresce e o mesmo nem sempre acontece com os países pós-industrializados do Ocidente, e isso sem mencionar o Terceiro Mundo.

Não temos aqui pretensões de apontar chaves de sucesso nem caminhos a serem seguidos, mas gostaríamos de colaborar para que se encarasse o Japão como um país de gente com todas as qualidades e defeitos de qualquer outra nação. Não é preciso comprar aviões Mirage do Japão. Mas, assim como o Japão que, desde os primeiros con-

tatos com os ocidentais no século XVI, somente aceitou aquilo que lhes interessava (como, por exemplo, as armas de fogo gentilmente oferecidas pelos portugueses), também podemos aceitar do Japão aquilo que verdadeiramente nos interessa.

Além disso, quanto mais compreendermos do real dia-a-dia do cidadão japonês, e não o que a propaganda oficial nos quer fazer acreditar, mais perto estaremos de entender a verdadeira dinâmica que rege o Japão.

E é aí que queremos chegar. Se conseguirmos descobrir os sonhos de alguém ou de alguma sociedade, ficará muito mais fácil desvendar o *como* e o *por quê* de sua tentativa de realização. E onde vamos encontrar o sonho de uma nação? Na sua expressão, na sua arte e, explicitamente, nos seus meios de comunicação de massa. É exatamente naqueles produtos, que as massas consomem sem contestação, que vamos achar respostas para seus anseios e sonhos. Assim chegamos ao cinema e teatro, à literatura e à imprensa e, *last but not least*, às histórias em quadrinhos, ou *mangás*, como são chamadas no Japão. E veremos que não é à toa que no Japão a produção de histórias em quadrinhos é a maior do mundo. Certamente, não é por acaso.

A ATUAÇÃO E O IMPACTO DO MANGÁ NO PÚBLICO JAPONÊS

Em todas as sociedades letradas de nossa época, as pessoas se declaram influenciadas, em menor ou maior grau, pelas histórias em quadrinhos. Podem até não o confessar diretamente, mas um rápido exame mostrará que, pelo menos em alguma época de suas vidas, houve exposição a esse tipo de literatura. Acreditamos, porém, que em nenhum país do mundo moderno essa influência tenha sido tão forte e constante como no Japão. E isso em todos os aspectos da publicação dos agora internacionalmente conhecidos e até imitados *mangás*. Há para isso uma série de razões, antecedentes e conseqüências que pretendemos analisar no decorrer deste trabalho.

Para começar, o *mangá*, hoje em dia, no Japão, é considerado por eles como japonês, apesar de sua divulgação anglo-americana nas últimas décadas do século passado. Os ambientes são praticamente sempre inseridos no cenário nipônico, as personagens

facilmente identificáveis com os anseios coletivos do arquipélago, os desenhos e a hábil utilização da escrita nipônica, inclusive para expressar as onomatopéias, são únicos no gênero. E como se tudo isso não bastasse, a sua divulgação maciça não tem paralelo no mundo inteiro. Com publicações para todas as faixas etárias, sexos e preferências, é difícil que escape um só cidadão japonês da onipresente influência do *mangá* (1). Por isso mesmo, seu consumo é público e às claras. Pessoas de todas as idades lêem os seus *mangás*, especialmente nos coletivos, durante as longas horas que têm que passar entre suas casas e a escola ou o emprego. Por outro lado, nas numerosas livrarias do país (onde predomina a venda de *mangá*), pode-se folhear livremente os exemplares existentes, e muitos se aproveitam da ocasião para ler aquilo que não podem ou não pretendem comprar.

O mesmo se passa nas igualmente numerosas "lojas de conveniência" que ficam abertas 24 horas por dia, e onde também há largas seções de revistas. É comum, ao se passar por uma dessas lojas, especialmente no horário pós-meia-noite, quando as ruas estão desertas e escuras, observar-se grupos de jovens que, silenciosamente, passam horas lendo as suas revistas de quadrinhos preferidas. E tudo isso não chega a alarmar os vendedores, como seria de se esperar. A venda maciça não é ameaçada por esses leitores de ocasião. Todos acabam levando um ou mais exemplares na saída.

MANGÁS PARA GOSTOS SIMPLES E EXIGENTES

No Ocidente conhecemos histórias em quadrinhos para crianças, jovens (em escala menor), para adultos (geralmente de cunho erótico) e as de uso pedagógico. No Japão, é espantoso como há *mangás* para todos os tipos de leitores. Além das faixas etárias, há divisão por sexo e, além disso, uma vasta gama de especialidades desconhecidas em outros países. Temos, assim, desde *mangás* dedicados aos mais diversos esportes e artes marciais, às revistas que enfocam todos os possíveis interesses e preferências, desde culinária, administração pública e, entre os lançamentos mais recentes, uma série sobre a *Shinrikyo* e seus tenebrosos fabricantes de gás *sarin*. O livro de A. Morita, o capitão da

Honda, *Made in Japan*, foi mais lido em versão quadrinizada do que em impressão regular. Antes de morrer, o Imperador Hirohito tornou-se finalmente conhecido pelo público japonês através de sua biografia em forma de *mangá*.

Não comporta este artigo a análise de todas as modalidades existentes do quadrinho japonês. Para isso, nos referimos ao livro *Mangá, o Poder dos Quadrinhos Japoneses* (2). O que importa para nós, aqui, é que todos os sonhos e anseios possíveis do cidadão japonês, de qualquer idade ou condição social, sempre encontrarão seu referencial possível nas histórias em quadrinhos. Assim, não é de se estranhar que a jovem escritora japonesa Banana Yoshimoto, autora do *best-seller Kitchen* e outros mais, declarasse candidamente em entrevista que a sua grande fonte de inspiração vem dos *mangás* dirigidos ao público feminino juvenil (3). Mudanças na política, introdução de novas leis, acontecimentos no cenário mundial, apesar do maior índice de leitura de jornais do mundo, é nos quadrinhos que realmente se verificarão esses fatos. Uma das razões é que os *mangás*, além de sua poderosa arma que é a imagem, permitem-se colocar ao lado dos complicados ideogramas *kanji*, um componente em escrita fonética *hiragana*, chamada *furigana*. Os *mangás*, como são adaptados para as diversas faixas etárias, costumam "facilitar" a leitura mediante esse tipo de tradução intralingual, o que é praticamente inadmissível na imprensa ou livros.

Assim, confessadamente ou não, apesar dos outros meios de informação e formação de massa, os *mangás* possuem a capacidade de, pelo menos, solidificar opiniões de interesse a seus diversos públicos. E essa é uma de suas grandes características. Os desenhistas japoneses e os editores de *mangá* descobriram que para se alimentar sonhos de uma sociedade é necessário consolidar uma base de informações verossímeis. Isso tudo aliado a uma identificação completa com o seu público e a uma praticamente total ausência de concorrentes estrangeiros tornam os *mangás* um dos mais poderosos meios de idealização de anseios e da confirmação de identidade nacional, e, é preciso acrescentar, do sentimento de superioridade dos japoneses.

1 Sonia M. Bibe Luyten, "Mangás Expõem em Páginas Sentimentos e Emoções", in *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 21/5/1995.

2 Idem, *Mangá - o Poder dos Quadrinhos Japoneses*, São Paulo, Estação Liberdade, 1991.

3 Ivo Smits, "Heimwee naar Japan, heimwee naar McDonalds", in *Literair NRC Handelsblad*, Rotterdam, 26/5/1995.

O MANGÁ COMO PRODUTO DE DIVULGAÇÃO DA CULTURA JAPONESA

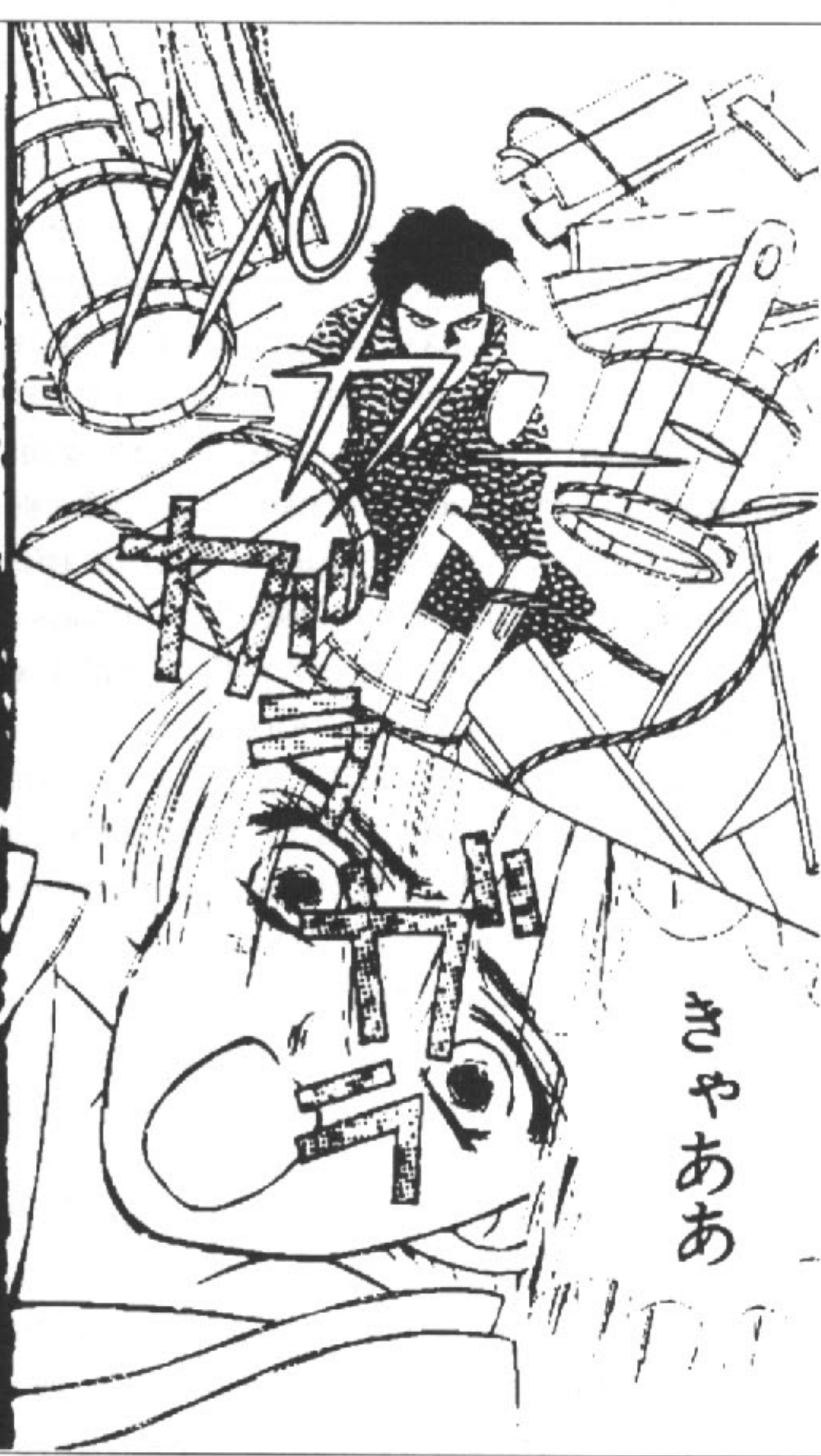
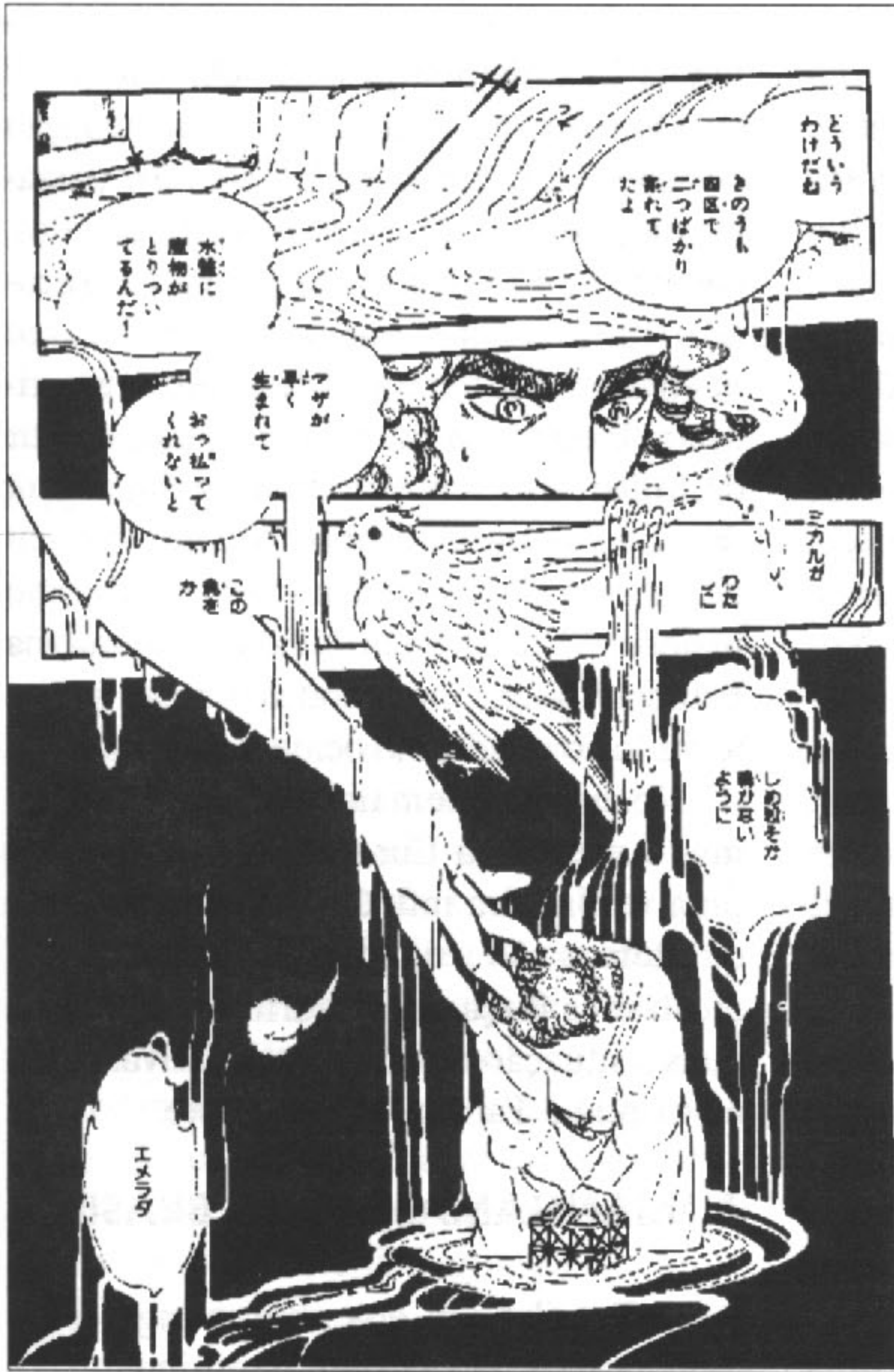
São os exames de sangue, urina e fezes que dão aos médicos toda a segurança em seus diagnósticos e não a aparência física do paciente nem as suas queixas. Da mesma forma, pode-se fazer um paralelo com os hábitos de consumo. Ficou bastante conhecido um caso nos Estados Unidos, onde alguns pesquisadores, cansados dos "bias" causados pelas respostas de seus entrevistados, passaram a examinar o lixo caseiro dos mesmos. A mesma coisa se dá quando se fala em leitura e influências literárias. Todos conhecem Gilberto Freire e Fernando Henrique Cardoso mas quem realmente leu a obra completa destes ilustres cidadãos? Todos gostam de teatro mas a maioria não passa de consumidor de novelas de TV. Paulo Coelho vende muito mais do que os dois escritores acima mencionados. Queiramos ou não, para verificarmos o que pensa o povo e com o que sonha, é preciso verificar o que este povo realmente consome como informação e divertimento.

É por isso que raramente se divulga ou se discute o que se lê verdadeiramente. Isso também acontece no Japão onde o Monbushô - o Ministério da Educação - publica criteriosamente o que os estudantes devem ler e saber, e acrescenta estatísticas sobre os progressos já alcançados. O que não menciona é a quantidade astronômica de leitura não-obrigatória que os estudantes consomem e que chega a cinquenta ou cem vezes mais do que o número de páginas didáticas. Embora o Japão seja um país onde se vêem revistas de quadrinhos por todos os cantos, ninguém, pequeno ou grande, anda se vangloriando disso. Mas tanto a diversidade quanto a quantidade de revistas consumidas no país mostram bem o quanto os japoneses estão sujeitos a esse tipo de leitura. Podemos concluir facilmente que os *mangás* estão presentes em todas as fases da vida japonesa e esse fato tem sido percebido, aos poucos, pelos países que mais contatos têm com o Japão.

De início, podemos considerar os chamados "quatro tigres asiáticos", a Coréia do Sul, Hong-Kong, Taiwan e Cingapura, países estes que estão seguindo o exemplo econômico do Japão com bastante sucesso. O



interessante é que não há nenhum laço afetivo entre os "tigres" e o seu modelo. Antes pelo contrário. Há fortes sentimentos antinipônicos devido a passados colonialistas e de agressão, mas é justamente aí que vamos encontrar as maiores doses de aceitação de tudo o que representa o produto cultural japonês. Situações semelhantes podemos encontrar nos países limítrofes da Alemanha. Há um forte sentimento antigermânico que é coletivamente expresso pela literatura e imprensa mas que, ultimamente, só aflora sensivelmente durante os campeonatos europeus de futebol. Fora disso, e na vida diária, tudo o que a Alema-



ACIMA, MAGINARU, DE MOTO HAGIO, EDITORA SHOGAKUKAN; AO LADO, O EDO WA NEMURENAI, DE KEIKO HONDA, EDITORA MARGARET COMICS; NA OUTRA PÁGINA, OUTRO MOMENTO DO YOUNG JUMP

na faz é norma até para o resto dos países da Comunidade Européia. Outro exemplo é o sentimento de amor-ódio que os países da América Latina sentem pelos Estados Unidos. Reclamam mas brigam entre si pela preferência ianque.

Quanto aos *mangás*, o que mais notamos é um grande volume de histórias traduzidas para as respectivas línguas dos quatro "tigres", sendo, porém, em menor escala, a posição de Cingapura, que tem muita influência dos quadrinhos da Malásia e que são fortemente de cunho islâmico. Nos outros três, entretanto, devido a um passado cultural comum, os heróis passam perfeitamente pelas fronteiras. Em termos gerais, a passagem se dá de tal maneira que alguém que não conhece os quadrinhos japoneses propriamente ditos vai considerar a produção coreana, taiwanesa e de Hong-Kong como sendo legitimamente autóctones.

Há para isso um paralelo fortíssimo que é constituído pelos desenhos animados japoneses que, além de terem penetrado no mundo inteiro, reinam nos quatro países mencionados. Muitos desses desenhos são abstraídos dos *mangás* e, assim, abrem uma tendência natural para muitos quadrinhos no Extremo Oriente.

Além disso, há escolas de desenhistas que seguem os moldes estéticos dos *mangás* e estes se encontram, em ordem decrescente, na Coréia, Taiwan, Hong-Kong e Cingapura. Nesse caso, o que notamos mais é a mudança do ambiente físico: os aspectos de violência se tornaram mais acentuados e os desenhos langorosos dos *mangás* femininos mais atenuados. Pelo acima observado, não se notam figuras como *O Lobo Solitário*, que tanto sucesso obteve nos Estados Unidos e Europa mas o *mangá* de exportação nº 1, o *Akira*, está presente em todo lugar.

Na Europa, foram os franceses os que em primeiro lugar descobriram os desenhos japoneses. Já na década de 60, os desenhistas Druillet e Gigi se declaravam influenciados pelas características do *mangá*. A Escola de Bruxelas, a maior fonte de inspiração e difusão de quadrinhos no mundo ocidental, nos anos 70 apresentava uma série chamada *Tsuna* em que uma jovem heroína japonesa passa por mil aventuras. Além disso, boa parte dos heróis regulares europeus já passaram por algum evento no Japão, embora sem perder suas características es-

téticas. Só o *Tintin* se manteve fiel na caracterização antijaponesa e pró-chinesa.

Os Estados Unidos, após a estagnação dos *comics* de duas décadas (60 e 70), passaram a publicar não só *mangás* traduzidos, como *O Lobo Solitário*, mas chegaram a produzir histórias inteiramente semelhantes aos *mangás*, só que feitas por desenhistas americanos. E este foi o grande salto dado, a partir de Miller, que renovou muito a linguagem dos *comics*, com a quebra dos limites do quadrinho convencional, dando um dinamismo maior no visual. E, sem dúvida nenhuma, via Estados Unidos, esse modelo passa a ser integrado ao quadrinho ocidental.

No entanto, nem nos Estados Unidos e muito menos na Europa pode-se falar de uma verdadeira influência dos *mangás*. O que temos são exemplos esporádicos que mostram a força dos quadrinhos nipônicos mais a situação de imitação massiva, como na Coréia e Taiwan, aí não existe.

A "MANGAMANIA" NO BRASIL

O Brasil é um dos poucos lugares no mundo onde não existe um sentimento coletivo adverso aos japoneses. Isso talvez pode ser explicado por três motivos: 1) nunca houve uma guerra de agressão como aconteceu no Extremo Oriente e até nos Estados Unidos; 2) ao contrário dos países europeus e, novamente, os Estados Unidos, não há concorrência direta entre produtos japoneses e locais; 3) no Brasil, um dos países que recebeu grande contingente de imigrantes nipônicos, este se caracterizou como elemento trabalhador agrícola granjeando, com isso, mais simpatia dos habitantes já estabelecidos. O mesmo não aconteceu em outros lugares, como México, Peru e Argentina, onde os imigrantes japoneses se dedicaram em grande parte ao pequeno comércio, chegando a ser considerados pelo povo simples como exploradores.

Em nosso país também se encontra o maior número de japoneses e descendentes fora do arquipélago. Ao todo são cerca de 1.200.000. Com exceção de um pequeno período durante a Segunda Guerra Mundial, quando a ditadura de Vargas proibiu as escolas japonesas e suas reuniões sociais, sempre houve um clima de cordialidade entre os dois países e seus habitantes. Só nos últimos anos é que este clima foi alterado

devido à controversa situação trabalhista dos quase 200.000 descendentes de japoneses, os *dekasseguis*, pois o tratamento que recebem no Japão está longe de ser cordial.

No que se refere à presença dos *mangás* no Brasil, é preciso distinguir duas fazes distintas. A primeira é a sua presença dentro do contexto da vida dos imigrantes e seus descendentes. Nesse aspecto, cumpriram um papel importantíssimo não só como elemento de manutenção e atualização do idioma japonês como de influência estética nos desenhistas nisseis. Através da leitura das histórias, os ideogramas em *kanji*, acompanhados da inserção dos *hirigana*, eram ludicamente assimilados no processo da absorção e aprendizado da língua. Além disso, os *mangás* cumpriram também o papel de atualização da língua corrente no Japão por incluírem palavras de origem inglesa, em silabário *katakana*.

Por muitas décadas, as revistas de *mangá* chegavam ao Brasil através de importadores que se encarregavam de distribuí-las nas livrarias da colônia japonesa.

Sem dúvida alguma, além da função didática, os *mangás* influenciaram sobremaneira a carreira de muitos desenhistas nisseis, de maneira estética, pelo traço do desenho e na temática das histórias. Nesse aspecto, o Brasil é um dos pioneiros do mundo. Já desde os anos 50, Julio Shimamoto marcou presença nos clássicos brasileiros de história em quadrinhos do gênero terror. No decorrer das décadas há inúmeros exemplos da utilização da técnica do *mangá* nas histórias em quadrinhos nacionais pelos desenhistas nipo-brasileiros sem que o mundo tomasse conhecimento desta grande inovação.

Na década de 70, também no Brasil, foram iniciados os primeiros estudos acadêmicos sobre o *mangá*, publicados pela revista *Quadreca*, em 1976, na Escola de Comunicações e Artes da USP (4), além da formação de biblioteca especializada em revistas de *mangá* e a criação da Abrademi (Associação Brasileira de Desenhistas de *Mangá* e Ilustradores), com exposições itinerantes pelo país. Tudo isso, pioneiramente, sem que a Europa e os Estados Unidos tomassem conhecimento, sem que o Brasil fosse ponto de referência para o mundo.

A segunda fase da presença dos *mangás* no Brasil é caracterizada pela sua divulgação via Estados Unidos. Após a tradução de

alguns *mangás* clássicos para o inglês, a declaração de desenhistas americanos e europeus, pela imprensa mundial, que receberam influências do *mangá*, a importação maciça de desenhos animados nipônicos para a TV - só aí as editoras brasileiras "acordaram" para o fenômeno *mangá*. "O que é bom para a América é bom para o Brasil." E inicia-se a etapa da "mangamania" em nosso país, exemplificada pela publicação do *Mangajin em Português*, revista que vem obtendo muito sucesso nos Estados Unidos e cujo objetivo é o ensino da língua japonesa através dos quadrinhos.

Com isso não descartamos o que de fato ocorreu com a enorme popularização dos *mangás*, mas queremos apenas colocar este fenômeno dentro do justo contexto do Brasil em relação ao mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os *mangás*, assim como os outros produtos japoneses, industrializados ou de teor cultural, tendem, certamente, a se impor em outros países, incluindo-se aí o Brasil. Os quadrinhos japoneses, no entanto, fazem parte de um "pacote" maior de produtos e influências. Devido às peculiaridades da situação nipônica, não se espera que uma produção maciça de quadrinhos influenciados pelo Japão venha se dar em outros lugares, com exceção dos "quatro tigres" (que já seguem o Japão em tudo quanto é área de sistema de produção). O que é importante considerar é que, nos últimos anos, tem sido reconhecida internacionalmente a importância do fenômeno *mangá*. Assim como a literatura e o cinema japonês, que passaram de um desconhecimento total para momentos de idolatria, também o *mangá* percorreu caminho semelhante, mantidas as devidas proporções. O momento agora é de assentamento e de coexistência. Não cremos que, em futuro próximo, ouçamos falar de quadrinhos ocidentais ou de qualquer outra área influenciando a produção nipônica. Para isso ela é demasiadamente forte e voltada para dentro de si mesma e para a realidade (e sonhos) que representa. O que podemos fazer, isso sim, é como os próprios japoneses sempre fizeram: aceitar do estrangeiro somente aquilo que se torne indispensável e que tenha uma utilidade marcante. O resto devolver, com ou sem sorriso.

4 *Quadreca* - Órgão laboratorial da cadeira de Editoração das Histórias em Quadrinhos, ministrada pela Autora desde 1973 na ECA-USP. Os resultados da pesquisa inicial de 1974 foram publicados em 1976 na *Quadreca* sob o título *O Fantástico e Desconhecido Mundo das Histórias em Quadrinhos Japonesas*.